

Conversa do Alto da cabeça

- Porque ris? Ah...e agora porque choras? Em que estás a pensar?
- Nada, não é nada.
- Ah, já percebi! Estavas a chorar de rir, não era?
- Não quero pensar nisso. Mas estou tão farto de pôr isto de lado.
- Se não pensarmos, não resolvemos nada. Vá, sabes que estou deste lado para te ajudar a pensar. Respira fundo. Vá, em que é que estás a tentar pensar?
- Talvez tenha sido o que aconteceu aqui em cima, fomos pondo de lado. Não passa de hoje. Isto é tudo tão claro. Deixámos acumular isto e agora temos de despejar tudo, sem respirar. Não é isso também o que está a acontecer com as nossas vidas? (Pausa para rir.) Esta é a nossa oportunidade de esmiuçar a Humanidade moderna. Esqueci-me das aspas: “moderna”. Ora aí está, muito melhor.
- Deixa-me deixar aqui umas verdades, com licença, ah, obrigada. Para começar, nada de novo: A vida é curta.
- Dois dias. É sabido. O Carnaval três.
- A memória falha.
- O que jantámos ontem? Pois, exato...
- O amor engana.
- Eu disse que era melhor não termos deixado o coração decidir as coisas. Quem faz as sinapses somos nós.
- Errar é humano.
- E Deus perdoa se rezarmos “duas avé marias” e quatro “pais nossos”.
- Tem de se ser meio louco para se escrever sobre loucos.
- A Humanidade e a loucura têm uma grande afinidade.
- Começemos por onde tudo começa: o fim, porque só no fim das coisas é que se percebe tudo. Quando se pensa em loucura, pensa-se em doidos sentados, a tentar isolar-se do mundo, de cabeça baixa e sempre com pressa para ir a algum lado. Tens aí essa imagem?
- Sim.
- Boa. Agora deita fora o colete de forças, não precisamos dele – ainda - e desloca a imagem mental para um ambiente tão familiar como um comboio suburbano. É desse tipo de loucura de que falo. Pois, a loucura deixa de ser louca se partir de nós.

- Estás a insinuar que sou maluco?! Que somos malucos?

- Entre viagens diárias, ir e voltar; filas longas; atropelamentos pouco cívicos na entrada para o comboio ou metro e atrasos pelos quais uma voz feminina pede a nossa “compreensão pelos incómodos causados” em vez de pedir explicitamente desculpa, a Humanidade vai enlouquecendo, definhando.

- E não tem onde cair morta. Essa é que é essa.

- Está calado, deixa-me continuar. Nas pausas do mundo que concedemos a nós próprios, a ânsia de conseguir seja lá o que for é posta de lado por um pouco. É um prazer temporário que toda a gente parece querer ao mesmo tempo. Gente cansada de “viver” ao ritmo dos toques do relógio.

- Tique-taque.

- Pessoas exaustas que não têm coragem de mudar e passar a viver a sério.

- Tique-taque.

- Pessoas arruinadas que até podem querer viver ao ritmo de outra coisa.

- Tique.

- Ou de coisa nenhuma.

- Taque.

- Só há duas opções: viver sem aspas ou conformar-se com esperar que se morra. Esta vida em função do relógio já nem tiques nem taques tem. É uma vida “moderna”.

- Relógio há no telemóvel. E não faz barulho, ora essa!

- Daí este fenómeno ser cada vez mais perigoso – é silencioso. Mata sem fazer um som, mas é ensurdecador. É neste ambiente, ao ritmo do tempo, que se fecharmos os olhos por uns segundos, passam 15 minutos. Andamos a correr, vivemos com pressa, num desassossego, mas poucos se parecem importar com o tempo que voa. Só esses é que não acreditam que alguém tenha o poder de lhes prometer uma vida a seguir a esta.

- A vida é curta. Com isso não se discute.

- Ou discute?

- Num abrir e fechar de olhos pode acabar.

- É um risco que corremos, sabes? Este “pôr de lado”, este “amanhã faço”... achamos que temos a liberdade de o fazer. A mim sempre me disseram: não deixes para amanhã...

- O que podes fazer hoje. Belo ditado. Mas poucos o seguem. Confiamos ao tempo a dádiva da vida. O que às vezes parece um tormento, o viver, dá-nos a liberdade de adiar coisas, dizer algo depois, fazer qualquer coisa mais logo.

- E, de repente, zás – lá se foi a vida.

- E entretanto, ficamos parados a pensar sobre tudo, sobre nada. Não me lembro da última vez que não fizemos o corpo tremer ao pensar nisto.

- Não te lembras porque a memória é curta. Temos um espaço limitado aqui dentro, é verdade. Por isso, só aqui metemos o que nos interessa. Seleccionamos a informação que julgamos mais pertinente – é a natureza humana.

- Agora que penso nisso, já me lembro porque é que temos vida!

- Para expô-la, é claro. Porque é que a Maria e o João aderiram ao Facebook? Simples: porque toda a gente o fez. Ninguém quer ser excluído e que emocionante que foi para esse duo de nomes peculiares descobrir a quantidade de amigos que tinham. Que mundo fantástico que junta amigos numa só página.

- Amigos que conhecem e que não conhecem.

- Que maravilhoso! Não só podem ver o que a Cláudia comeu ontem ao jantar e para onde o Joaquim decidiu viajar, como podem procurar praticamente qualquer pessoa do mundo. Risca isso. Qualquer pessoa com um dispositivo que esteja neste grandioso “livro das caras” – que é tradução à letra. Isto ronda mais ou menos, um quarto dos *homo sapiens sapiens*. Agora acompanha-me numas contas rápidas: se quase metade da população humana não tem acesso à enorme rede invisível que é a Internet, a outra metade já foi apanhada. Isto quer dizer que apenas metade desta pescaria, metade de quem está a nadar cada vez mais fundo, é que escolheu não enriquecer o tal jovem que cresceu numa garagem, um Zuckerberg, com o seu sistema de vigilância movido a hipocrisia. Isso ou nunca ouviu falar de Faece buque.

- “Faece buque” – É mesmo assim que se escreve?

- Mas não, não me parece que seja este o cenário. Para mim, estes 25% da população tem mais que fazer na vida, de maneiras que prefere não fazer parte de um emaranhado de ciúmes, cinismo online e tentativas de impressionar quanto mais amigos possível.

- Ouve lá, escreve-se com “quê” de nove?

- Deve ser, havia de ser com quê?

- “Quê” de nove, achas? É melhor perguntarmos a alguém.

- Quê? Para quê? Achas que alguém sabe mais que eu?

- Não custa perguntar. Sinto que nos estamos a esquecer de alguma coisa.

- Também tenho essa sensação...Ah, a consulta era hoje!

- Eu sabia que devíamos estar noutra sítio neste momento. Estas dores de pescoço não passam sem ir ao médico.

- O ser humano está a desenvolver-se muitíssimo rápido. Pelo menos desenvolve um músculo novo na nuca enquanto assiste, sem se aperceber, ao desaparecimento daquilo que é realmente humano: a entreatjada, a tolerância e a honestidade. Aliás, se o homem-com-letra-maiúscula fosse realmente humano, duas coisas aconteciam desde logo: o seu melhor amigo seria não só o cão como também outro Humano e não havia cá mortes em nome do senhor invisível. Perdão, não quero ofender ninguém: Senhor invisível, com letra grande.

- É melhor dizer O Todo Poderoso, se calhar.

- Esse Todo Poderoso foi um dos que moram no céu, que, misericordiosamente, decidiu que para além de não terem internet, 800 milhões de pessoas passassem fome e frio.

- Visualiza, imagina uma sala. Nessa sala está toda a população portuguesa – 10 milhões, mais humano, menos humano. Agora imagina mais sete salas iguais cheias de zé-ninguéns com frio e com a barriga a dar horas. São 8 salas a abarrotar. É por esse relógio com que se rege esta escola. Uns vão aprendendo como sobreviver e outros “vivem” – sinónimos segundo muitos dicionários.

- Isso é muita gente...

- Por isso, em relação àqueles que não têm internet, se isso fosse a única coisa que lhes faz falta, estaria o mundo bem. (Pausa para pensar.) Claramente não estaria.

- Mas enfim, continue-se a aderir a campanhas solidárias no Natal que é esse o caminho certo. No Natal não se quer ver fome! Nasceu um menino! É tudo a encher o bandulho!

- Se calhar já chega de pensar que a religião é egoísta e atacar as redes sociais, não?

- Foi o teu lado do cérebro que pensou. Eu estava a pensar que, entretanto, a Maria e o João vão crescer. E quando forem adultos, o que acontece?

- Como o cosmos se decide alinhar de tempos a tempos, vamos assistir ao mesmo cenário e chamar-lhe coincidência. Após a primeira entrevista de trabalho dos nossos amigos de nome muito original, nenhum deles vai receber uma chamada de volta. Acontece que os empregadores também têm acesso à Internet e não gostam nada de ver as vidas pessoais dos possíveis empregados escarrapachadas no Faece buque, derramadas por tudo o que é sítio.

- Patrão que é patrão tem de ver em quem está a confiar.

- Não se equaciona tudo lá muito bem, mas, pelo menos, ambos terão uma boa média de “likes”, de gostos, de corações virtuais nas suas fotos de perfil e nos desabafos feitos em relação a uma grande variedade de tópicos como o tempo, o trânsito ou à morte de uma celebridade meio famosa.

- Ainda há dias morreu um jovem pintor. Coitado, gostava tanto dele...

- Pois foi. Um príncipe estrangeiro que gostava de pintar a chuva de roxo.
- Ele não era pintor. Era cantor.
- Que a alma dele descanse em paz. Gostava dele, sei lá o que é que ele fazia.
- O que interessa é que todas estas questões são passíveis de mudar o Mundo dito “moderno”.
- Quando se tem amor a algo, somos capazes de mover montanhas.
- Montanhas e população em massa. Em verdade vos falo quando penso que o amor engana. Compele as pessoas a fazer coisas extraordinárias e totalmente impensáveis. O amor é cego e surdo. Consome tudo o que tem à frente.
- O romance, quando é a sério, leva a extremos.
- Extremismos. As pessoas mudam com o amor que têm. E quanto mais, pior. Assumem comportamentos radicais em prol daquilo em que acreditam, sem nunca o questionarem. Não olham para mais nada, não veem mais além.
- Daí o amor ser cego.
- E parece não captar o barulho que é capaz de fazer. O amor que uma pessoa pode ter por certos valores ecoa rapidamente, dispara para todas as direções e contagia.
- E daí ser surdo.
- O que dantes era confiança em Alguém que dava esperança a quem O amava é agora uma desculpa para espalhar mais “amor.”
- Crescei e multiplicai-vos, ou não é?
- E a seguir, matai-vos uns aos outros, meus filhos. Numa guerra santificada com sangue e água benta, é Homem contra Homem. No fim, perdem os dois e perde o mesmo, porque somos todos o mesmo.
- Mas ouve-me cá, falta-te um ponto: errar é humano.
- Como a um ponto, tende-se a acrescentar um ponto, quem nunca errou lance o primeiro ataque nuclear.
- Mas ainda há esperança na Humanidade? Há soluções?
- Só se vão criar soluções, quando houver consciência de que há problemas.
- Quando uma equipa ganha, não se mexe nela.
- Extraordinariamente, sim, se tudo funciona, nada há para arranjar. Mas assim de repente, penso que a solução é plural. As soluções são as pessoas que se olham diretamente nos olhos; que sorriem por razão nenhuma; que expressam aquilo que sentem; que veem realmente e que não se ficam por processar a informação feitas máquinas que não são.

- Pessoas que esmiúçam e escavam fundo, que querem entender tudo. A esperança no mundo são aquelas pessoas que ainda são Humanas, as pessoas que duvidam de tudo, se questionam e parecem não encaixar bem no puzzle do planeta Terra patrocinado pelo capitalismo. Essas pessoas nasceram para mudar o mundo.

- Elas vão restaurar a confiança, a inocência e a tradição e nunca mais ninguém vai ter medo de alguém.

- Veem beleza na diversidade.

- Tínhamos medo. Não posso dizer que vivíamos com ele, porque apenas existíamos, receosos. Agora vivemos, num só. Afinal, somos os dois lados do cérebro.

- Mesmo estando aqui no alto da cabeça, sei que a seguir da noite vem o dia.

- E que a luz tem cor de esperança.

- Pois é essa a cor dos inícios.

- Já chega por hoje, não? Estou cansado de pensar. Amanhã pensamos mais a fundo sobre o quanto nos irrita subestimarem as mulheres.

- Estava mesmo a pensar nisso. Somos iguais onde interessa: na...

- Na cabeça.

- Já pensaste como a poluição e o aquecimento global nos impede de fazer outro filme como o Titanic?

- Eu penso em tudo o que tu pensas. Eu sei, a melanina faz as pessoas odiarem-se umas às outras.

- Acho que já chega de pensar por hoje, continuamos amanhã se Deus quiser.

- Quer dizer que se Deus não quiser, se não lhe apetecer, amanhã não abrimos a pestana?

- Disse da mente para fora, mas parece que sim.

- Até amanhã, se eu quiser.

- Se nós quisermos.